

## **A Espetacularização da Amazônia no Cinema e sua construção desde os relatos dos viajantes do século XVI<sup>1</sup>**

Rafael de Figueiredo LOPES<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

### **Resumo**

O artigo a seguir propõe uma reflexão sobre como a região Amazônica geralmente é retratada no cinema, sob o caráter exótico do imaginário regional, formado desde os relatos dos viajantes e desbravadores do século XVI. O trabalho busca fazer uma relação entre história, meio ambiente, cultura e a dinâmica industrial da produção cinematográfica, procurando compreender como esse meio de comunicação interpreta, capta e reorganiza uma realidade complexa transformando-a em produto. O texto faz um breve panorama sobre a Amazônia e seu contexto histórico, aponta aspectos do cinema na região como entretenimento, expressão artística e destaca algumas obras que se apoiam em estereótipos cristalizados ao longo do tempo.

**Palavras-chave:** cinema na Amazônia; cultura de massa; espetacularização; estereótipos; exótico.

### **Introdução**

Amazônia... Essa palavra-lugar-ideia ainda provoca devaneios no imaginário de muita gente. O cinema e as produções audiovisuais de um modo geral (sejam documentários, telenovelas, minisséries, programas de variedades e aventura entre outros formatos) quando retratam a região, tendem a enfatizar o caráter exótico de uma selva fantástica, com árvores gigantes, plantas e animais em extinção, povoada por índios e figuras monstruosas.

No entanto, a variedade paisagística, social e cultural - desse quase continente - é muito maior do que a cinematografia comercial comumente contempla. A realidade apresenta uma diversidade tão rica que obriga-nos a admitir as limitações da maior parte das produções audiovisuais voltadas à região.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cinema DT4, do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UFAM, na linha de pesquisa: Linguagens, representações e estéticas comunicacionais. Bolsista da Capes, e-mail: rafaflopes@bol.com.br.

A formação do povo amazônico ou amazônida é complexa e traz uma mistura étnica bem variada. Esse bioma, com os maiores recursos hídricos do planeta, guarda riquezas que aguçam a ambição de vários países. Os problemas ambientais na maior floresta tropical do mundo, sobretudo, em relação ao desmatamento, biopirataria e poluição de rios, são tão grandes quanto os problemas sociais, que se agravam com o crescimento desordenado da população e o aumento da violência. Na Amazônia também há grandes cidades, universidades com grupos de pesquisa atuantes e indústrias de alta tecnologia.

A proposta desse trabalho é investigar a padronização do imaginário espetacular sobre a Amazônia, construído desde os relatos dos exploradores europeus, até se consolidar como uma ideia representativa do povo e da cultura amazônica, a ponto do exotismo (no sentido de extravagante, raro e esquisito) consolidado pelo olhar de fora, se disseminar e moldar o nosso pensamento até os dias atuais.

Analisar como a Região Amazônica é retratada no cinema pode suscitar diferentes recortes, seja pelo viés documental, ficcional, experimental ou artístico, já que existe uma filmografia nacional e estrangeira sobre a Amazônia de diferentes gêneros e com múltiplas abordagens. Diante disso, optou-se por destacar alguns filmes de ficção que trazem em seus enredos elementos fantásticos sobre a região ou revestem aspectos da cultura local com características espetaculares ou espetaculosas (o exagero do que já é espetacular).

Neste artigo traçamos um breve panorama sobre a história da Amazônia, apontando períodos marcantes do desenvolvimento regional, mais especificamente no estado do Amazonas. Destacamos aspectos da produção cinematográfica na região e do cinema como entretenimento. Além do apoio teórico de diferentes autores para a contextualização do tema, essa análise tem embasamento na visão do filósofo Edgar Morin, em articulação com a ideia de *A Invenção da Amazônia*, trabalhada pela pesquisadora Neide Gondim e *A Sociedade do Espetáculo*, pelo filósofo, cineasta e crítico cultural Guy Debord.

## **1. Impressões da Amazônia: da pré-história aos dias atuais**

Descobertas arqueológicas, como vestígios cerâmicos, fósseis e pinturas rupestres de 11 mil anos atrás mostram como é antiga a presença humana na região que hoje conhecemos por Amazônia. Entre outras teorias, acredita-se que os primeiros grupos (nômades, coletores e caçadores) eram provenientes da Ásia, quando alcançaram a (atual) América pelo Estreito de Bering e seguiram rumo ao sul. Segundo Prous (2007, p. 14), “além

dos vestígios culturais, os vestígios naturais informam sobre o palioambiente: clima, vegetação, fauna e topografia, que mudaram ao longo do tempo, influenciando as coletividades humanas”.

No início da povoação, a vegetação era formada por savanas com manchas de florestas ciliares, mas mudanças climáticas no planeta, há cerca de seis mil anos, tornaram a região mais quente e úmida provocando a expansão da floresta. Uma das consequências desse processo foi o aumento dos recursos de alimentação, marcando uma segunda fase na ocupação da Amazônia, caracterizada pelo início da formação sociocultural. Os bandos passaram a ocupar mais tempo em determinadas áreas, constituindo aldeias, praticando a agricultura e intensificando a fabricação de objetos cerâmicos e instrumentos de pedra.

Prous (2007) destaca ainda, que com o surgimento da chamada Cultura de Floresta Tropical, que se desenvolveu por mais de cinco mil anos, os povos que habitavam a região diversificaram suas práticas e constituíram-se em diferentes culturas. Foi nesse contexto que ocorreu o encontro entre os nativos e os exploradores europeus, no século XVI, e marcou o início da terceira fase de ocupação na Amazônia. Estima-se que nessa época a região tinha uma população entre dois e seis milhões de pessoas que formavam povos de diferentes hábitos, costumes, línguas e mantinham uma complexa teia de atividades.

Entretanto, essas culturas foram ignoradas e suplantadas a partir da imposição etnocêntrica europeia, com reflexos que permanecem até hoje, traduzidos numa visão exótica – construída pelo olhar estrangeiro, que colonizou a região e o imaginário sobre ela.

Gondim (2007) monta um painel dos primeiros viajantes cronistas, como também dos ficcionistas que escreveram sobre a região, do século XVI até o século XX. Conforme a autora, a maioria desses estrangeiros deixou o seu registro de entusiasmo, preconceito e fantasias. A primeira grande expedição à região foi realizada entre 1540 e 1542, comandada pelo espanhol Francisco de Orellana (primeiro explorador a percorrer o rio Amazonas do Atlântico aos Andes). Os relatos dessa viagem, que são os primeiros escritos sobre a Floresta Amazônica e a diversidade de ambientes e culturas encontradas ao longo do maior rio do mundo, são do frei Gaspar de Carvajal<sup>3</sup>.

Pressionados por adversidades comuns à época, os homens sonham encontrar o paraíso e a fonte da eterna juventude. A tradição religiosa dizia

---

<sup>3</sup> O texto da primeira viagem de navegação pelo Amazonas foi preservado através de duas cópias: uma conservada na Biblioteca da Real Academia de História e outra à Biblioteca Nacional de Madrid. A partir daí, entre os séculos XVI e XVIII, um importante conjunto de relatos sobre a Amazônia foi produzido por diversos sujeitos, fossem eles aventureiros, funcionários das Coroas Ibéricas ou missionários. Neles, assim como em Carvajal, podemos encontrar dados que destoam da noção corrente, por muito tempo, de que a floresta tropical fosse pouco adequada para a sobrevivência humana e carente de recursos que viabilizassem a concentração e o desenvolvimento populacional. Disponível em < <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0758.pdf>>. Acesso em 10/05/2015.

que um grande rio nascia naquele local aprazível, cujas águas encobriam riquezas, e não muito longe, uma fonte convidava para a total supressão dos males sociais, onde a fome, as doenças e as pestes continuamente dizimavam respeitáveis contingentes humanos. (GONDIM, 2007, p.13-14)

Essa percepção, possivelmente, seja responsável pelo início da construção do imaginário fantástico sobre a região, inclusive a referência de seu nome. Segundo os relatos da viagem, o grupo encontrou uma tribo na qual as mulheres demonstravam coragem e habilidades de guerreiras ao defenderem seu território. Os exploradores as relacionaram com as guerreiras Amazonas da mitologia grega, que ainda povoava a imaginação europeia, recriando no novo mundo um mito clássico. A partir daí, o lugar passou a ser conhecido como o “Rio das Amazonas”.

A narrativa maravilhosa de Carvajal deixou como herança à grande maioria dos viajantes, a história das Amazonas no império dourado de Canhori. Quase trezentos anos depois, viajantes a serviço de seus países ainda se perguntavam pelas guerreiras solitárias. (GONDIM, 2007, p.169)

A empreitada de Orellana está relacionada com o fortalecimento do mito do Eldorado. Em espanhol *el dorado* significa o homem dourado, e neste caso, uma possível referência ao soberano de uma cidade com construções de ouro, perdida no meio da floresta. A busca por esse lugar, que jamais foi encontrado, teria sido a motivação de inúmeras expedições, pois na época, os relatos indígenas acentuavam a ambição dos desbravadores. Historiadores relacionam este mito com algumas lendas, entre elas a dos índios *Chibcha*, que viviam próximo a atual Bogotá (Colômbia), e em seus rituais religiosos tinham o costume de cobrir o corpo do rei com uma resina, sobre a qual sopravam um finíssimo pó dourado, para o soberano banhar-se numa lagoa como oferenda ao seu deus.

Já no século XVII os europeus estavam interessados em ampliar seus domínios em direção a oeste extraindo as riquezas da floresta, o período das Drogas do Sertão (especiarias altamente valorizadas na Europa, tais como: gordura do peixe-boi, ovos de tartaruga, fibras, tinturas, guaraná, cravo, urucum, araras e papagaios vivos, peles de felinos e jacarés, entre outros). Pizarro (2012) ressalta que as dificuldades em desbravar o ambiente natural, com condições climáticas adversas, uma fauna e flora diferentes das que estavam acostumados, criavam a ideia de uma região indomável, selvagem, o que o imaginário do colonizador “dominador” classificou como o “inferno verde”.

Conforme Benchimol (2009), os europeus difundiram seus valores e os nativos se aculturaram por submissão. Em menos de dois séculos de exploração europeia, a região amazônica, outrora formada da multiplicidade cultural, passou a servir exclusivamente aos

interesses da coroa portuguesa. Seus habitantes nativos foram escravizados ou forçados a assumir uma nova configuração dentro de um processo que reduziu maciçamente a população indígena. Entre as imposições do colonizador, as missões religiosas tiveram o intuito de converter os índios à fé cristã e utilizar sua força de trabalho. Os europeus também disseminaram doenças entre os povos nativos, como a gripe, o sarampo e a tuberculose.

O século XVIII foi marcado pela chegada dos primeiros escravos africanos na região, para trabalharem na construção civil, plantações de cacau e demais atividades agrícolas e de extrativismo. Muitos conseguiram fugir formando os primeiros quilombos do norte do Brasil. Nessa época a miscigenação de raças era estimulada para aumentar o povoamento na região, fazendo florescer o que se convencionou chamar de população cabocla.

No fim do século XIX, surgiram os primeiros movimentos de valorização industrial da borracha extraída da seringueira (que já era utilizada pelos índios na fabricação artesanal de objetos como botas e recipientes). Entre 1870 e 1900 aproximadamente 300 mil nordestinos migram para trabalharem nos seringais, atendendo as demandas da Revolução Industrial. Foi preciso avançar pela selva e realizar um trabalho pesado na coleta e beneficiamento do látex, num sistema semiescravo, devido à exploração da mão de obra. Nesse sentido a ideia do “inferno verde” voltou a ser marcada no imaginário sobre a região.

Em contraponto ao ambiente selvagem, o Ciclo da Borracha fez cidades como Belém e Manaus se desenvolverem rapidamente. As capitais do norte passaram a usufruir de requintes que contrastavam com a realidade brasileira, como luz elétrica, sistema de água encanada, rede de esgoto e bonde elétrico. Prédios e palacetes suntuosos foram erguidos nessa época, como o Teatro Amazonas, inaugurado em 1896. A vinda de estrangeiros, entre eles, sírio-libaneses, ingleses, italianos e franceses, interessados em desenvolver atividades comerciais e de exportação, também contribuiu para uma nova configuração social.

O declínio deste ciclo se deu com a implantação de seringais na Ásia, a preços mais competitivos no mercado internacional. Essa mudança tem como pano de fundo um dos casos mais famosos sobre biopirataria, pois os seringais constituídos na Malásia, Sri Lanka e Indonésia, tiveram origem em sementes de seringueiras contrabandeadas da Amazônia.

Com a derrocada da atividade ocorreu um despovoamento significativo na região entre as décadas de 1920 e 1930. Na década seguinte, com a Segunda Guerra Mundial, os países aliados contra a Alemanha, sem acesso à borracha asiática, devido ao controle

japonês, recorreram à Amazônia para não comprometer a indústria bélica, como vemos em Martinello (1988). Nesse período ocorreu uma segunda migração em massa para o norte, eram os chamados “soldados da borracha”, convocados pelo governo do presidente Getúlio Vargas que tinha o apoio dos Estados Unidos, com grandes investimentos para a retomada da produção de borracha na Amazônia. O discurso para atrair trabalhadores de todo o país para a região, ganhou força recorrendo às ideias de “paraíso, fartura e fortuna”, numa alusão clara ao antigo mito do *El dorado*. Quando a guerra chegou ao fim os norte-americanos desistiram de levar adiante os investimentos devido à baixa produtividade. Cerca de 30 mil seringueiros morreram, vitimados por doenças e abandonados pelo governo brasileiro.

Na década de 1960 a ditadura militar pretendia integrar a Amazônia com o resto do país. A bandeira da proteção da floresta contra a internacionalização também era uma das propagandas ideológicas. Os militares realizam obras de infraestrutura para a ocupação da região e a construção de estradas como a Transamazônica. O governo militar propunha um modelo com projetos mineradores, madeireiros e agropecuários, além da criação de polos de desenvolvimento espalhados pela Amazônia, entre eles houve a implantação do polo tecnológico e industrial da Zona Franca de Manaus.

Entretanto, as consequências dessas iniciativas não se traduziram num progresso totalmente sustentável, diante da constatação de inúmeros problemas que continuam crescendo. Conforme o IBGE, de 1970 para 2010 (último Censo realizado), a população da Amazônia Legal<sup>4</sup> passou de sete milhões para vinte e um milhões de habitantes, ou seja, triplicou num período de 40 anos, obrigada a se adaptar dentro de um crescimento desordenado e os transtornos que isso traz, como falta de emprego, moradia, saúde e educação. Os indígenas, que já foram maioria, atualmente representam apenas 0,25% da população brasileira. Em 2009 a área desmatada na Amazônia atingiu a marca dos 70 milhões de hectares, e segundo ambientalistas a principal causa é o avanço da pecuária extensiva que derruba a floresta para formar pastagens. A degradação ambiental também tem relação com a exploração ilegal de madeira, grilagem de terras e projetos de assentamento que não cumpriram sua função social. O combate ao tráfico de drogas, animais, plantas e minérios não se mostrou eficaz diante da imensa extensão territorial a ser

---

<sup>4</sup> A Amazônia Legal é uma área de 5.217.423 km<sup>2</sup>, que corresponde a 61% do território brasileiro e concentra apenas 12,4% da população nacional. Compreende os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Maranhão. A Bacia Amazônica detém cerca de um quinto de todo o volume de água doce do planeta. Na Amazônia são aproximadamente 40 mil espécies de plantas, mais de 3 mil espécies de peixes, quase 1.300 de aves, mais de 400 de mamíferos e os insetos chegam a milhões. Disponível em <<http://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28783-o-que-e-a-amazonia-legal>> Acesso em 22/05/2015.

vigiada. A poluição gerada pelas atividades do garimpo ainda deixa marcas em muitas áreas. As tensões sociais também se agravaram com a disputa por terras, obras polêmicas como a construção de hidrelétricas, e o aumento da violência e criminalidade nas cidades e comunidades do interior.

## **2. O cinema chega à “Selva” para entretê-la e captá-la**

O início do cinema, no final do século XIX, coincide com o período áureo do Ciclo da Borracha na Amazônia. Menos de um ano após surpreender as plateias europeias, a arte das imagens em movimento chegou ao Brasil. O Rio de Janeiro, então capital, foi a primeira cidade a ver as projeções do cinematógrafo, em 08 de julho de 1896. Mas, como aponta Daou (2000), as ricas capitais do norte, com uma elite emergente e ávida por novidades, não tardaram a conhecer o invento dos Irmãos Lumière. Primeiro Belém, em 29 de dezembro de 1896, depois Manaus, em 11 de abril de 1897.

Além de entreter a burguesia com títulos estrangeiros, o cinema como meio de expressão artística e documental, também captou a Amazônia desde os primeiros anos do século XX, quando a região passou a ser registrada em película, graças à multifuncionalidade dos cinematógrafos de exibidores itinerantes, pois o aparelho não só projetava filmes, como também filmava e revelava. Conforme Costa (2012), nessa época, muitos forasteiros, inclusive técnicos da *Pathé Frères* (uma das maiores empresas de equipamentos e produção cinematográfica) registraram a região. Mas, a autora salienta a relevância do major Thomas Reis, cinegrafista da Comissão do Marechal Rondon e do luso-brasileiro Silvino Santos, responsável pela primeira imagem aérea da Amazônia, além de nove longas-metragens, entre eles *No Paiz das Amazonas*. Os registros de povos indígenas e ambientes naturais por ambos os cineastas contribuíram para inúmeros estudos antropológicos. A abordagem de Reis e Santos é quase uma exceção, considerando que nas primeiras três décadas do século XX, a maioria dos cinegrafistas já buscava aspectos exóticos da região, que nessa época, além dos relatos escritos tinha o reforço das imagens gráficas (desenhos, pinturas, gravuras e fotografias). Pinto (2006), em sua *Viagem das Ideias*, reflete sobre o processo de construção do pensamento social em relação à Amazônia, sugerindo uma geografia do exótico, a partir de conceitos propagados pela literatura, artes visuais e o senso comum, com raízes míticas na Antiguidade e na Idade Média, porém mais difundidos após o século XIX.

Nos anos de 1960 artistas da região organizaram cineclubes, estimulados pela agitação social e política durante a ditadura militar. Alguns deles realizaram filmes nos formatos Super-8 e 35 mm. Dos anos de 1980 até o presente, a produção cinematográfica local foi bastante escassa, mas a Amazônia continuou sendo cenário de produções nacionais e estrangeiras. Nos últimos anos, com as facilidades dos equipamentos digitais, muitos realizadores começaram a buscar novas representações e concepções estéticas para a região.

### **3. Ação, aventura, terror e mistério na espetacular floresta**

Cunha (1999) observa que o imaginário sobre a Amazônia e o índio nas produções audiovisuais, em geral não têm como referência o real ou documental, mas o modelo construído pela literatura romântica e marcadamente idealizado. Porém, a ficção, como criação imaginária, se exime do compromisso com a realidade. Santaella (2005) observa que a semiose dos signos cinematográficos, com a desculpa do tratamento ficcional, muitas vezes despreza totalmente a coerência de mundo na representação das culturas.

É oportuno salientar que o exotismo da Amazônia, antes captado e expresso pelo olhar estrangeiro, é cada vez mais reproduzido pelo próprio povo amazônida, recriando sua cultura a partir da visão de fora, numa dimensão quase folclórica da região (como acontece no Festival de Parintins). Gonçalves (2010, p.15), aponta que tais características “reproduzem o olhar excêntrico, as encantarias numa geografia do absurdo. À Amazônia – cabe não somente a preocupação imaginária e negativa, mas também o que podemos considerar autoexotização”.

Talvez por isso, alguns filmes de ficção sobre a Amazônia apelam para o que região tem de mais sensacional do ponto de vista cinematográfico, como suas paisagens e populações indígenas, e fazem o sensacional se desdobrar em sensacionalismo, explorando imagens mirabolantes da selva e dos rios, inserindo nesse espaço, ideias fantásticas de civilizações perdidas, piranhas e anacondas assassinas, índios canibais, monstros e outras possibilidades que despertam fortes emoções.

Diante disso, relacionaremos alguns filmes de ficção, produzidos entre 1954 e 2013, cujo critério de escolha foi o tom exageradamente fantasioso ou extravagante de suas narrativas. Curiosamente, alguns desses filmes recriaram a Amazônia em outros países para facilitar a produção. São obras que trazem elementos de horror, comédia, fantasia, melodrama, aventura e, principalmente, ação!



O filme de Ação é, entre os gêneros contemporâneos, o mais comum, de maior apelo popular, de maior sucesso comercial e, simultaneamente, de maior desdém crítico, certamente em função da tendência para a rotina e estereotipização narrativas e formais que exhibe, bem como da ligeireza e maniqueísmo com que os temas são abordados. (NOGUEIRA, 2010, p. 18)

Desse modo, será possível percebermos como o cinema se apropria e recria ideias do imaginário construído sobre a Amazônia desde o século XVI. Cabe salientar, que nem todos os filmes realizados até hoje sobre a região exploram os clichês do exótico, mas como o foco deste trabalho é a espetacularização da cultura e do ambiente, trataremos apenas de obras dessa natureza.

- *O monstro da lagoa negra* (1954). A história do gênero terror passa-se na Amazônia, numa época em que a imensa região verde era, ao mesmo tempo, palco de civilizações perdidas, animais pré-históricos e laboratórios científicos. Na trama, um cientista percorre o Rio Amazonas em busca de fósseis antigos e chega até uma misteriosa lagoa. O local é habitado por uma estranha criatura, um ser anfíbio com características de homem e réptil que chega a raptar a mocinha do filme. Considerada a maior descoberta de todos os tempos, o monstro passa a ser caçado pelos humanos que pretendem capturá-lo com vida, mas durante os sucessivos confrontos muitos integrantes da expedição morrem. Foi filmado, com a antiga tecnologia 3D, em estúdio e locações na Flórida (EUA).

- *O mundo perdido* (1960). Refilmagem de um clássico do cinema mudo de 1925. É uma aventura de ficção científica, baseada no livro homônimo de Arthur Conan Doyle (mesmo autor de Sherlock Holmes) e mostra uma expedição científica numa região isolada da Amazônia, onde a vida não havia se alterado desde a pré-história. Foi rodado em estúdio nos Estados Unidos, recriando uma suposta paisagem primitiva da Amazônia.

- *Fitzcarraldo* (1982). Conta a história de um empresário estrangeiro, fascinado pelo tenor italiano Enrico Caruso, que tinha a ideia obsessiva de construir uma casa de ópera no interior da floresta. Cenas antológicas, como a de uma gigantesca embarcação transportada por entre uma montanha até chegar num rio, marcaram a estética deste filme que ganhou prêmios internacionais. Dirigido por Werner Herzog, famoso diretor do novo cinema alemão, que também rodou outro filme épico na região amazônica, *Aguirre* (1972), baseado em relatos da expedição de conquistadores enviados por Gonzalo Pizarro, em busca do Eldorado, a lendária cidade de ouro, com base no diário do Frei Gaspar de Carvajal, porém, o filme se concentra mais na relação psicológica das personagens ao se confrontarem com uma nova realidade num ambiente hostil. Ambos foram rodados na Amazônia brasileira e peruana.

- *Floresta das Esmeraldas* (1985). Dirigido pelo britânico John Boorman, conta a história de um engenheiro norte-americano, responsável pela construção de uma barragem na selva amazônica, que tem o filho raptado por índios e transformado em guerreiro. O filme aborda a questão mítica da tribo *Markham*, chamada de povo invisível. Também traz temas como aculturação, desenvolvimento econômico e a devastação da floresta. Teve locações no Pará e no Amazonas.

- *Lambada - A dança proibida* (1988). A produção hollywoodiana mostra uma princesa amazônica e sua luta contra uma corporação empresarial que pretende destruir a floresta tropical extraíndo suas riquezas naturais. Na trama, a princesa brasileira é uma sensual dançarina de lambada e vai até Los Angeles, nos Estados Unidos, para participar de um concurso de dança no intuito de chamar a atenção para sua causa ecológica.

- *Anaconda* (1996). Filmado no Amazonas, com produção norte-americana e dirigido pelo mexicano Luis Llosa. Mostra um grupo de documentaristas que entra na floresta para investigar a cultura de uma misteriosa tribo e no caminho encontra um homem que está em busca de uma sucuri de 12 metros de comprimento. O filme, protagonizado pela cantora Jennifer López, é estruturado por cenas mirabolantes, em áreas de floresta alagada, em torno do grupo que passa a ser perseguido e exterminado pela serpente gigante.

- *Bem-vindo à Selva* (2003). Dirigido pelo estadunidense Peter Berg, com um elenco formado por nomes conhecidos do cinema de ação como Dwayne Johnson (ex-campeão de luta livre), Seann William Scott e Arnold Schwarzenegger (em participação especial). O filme é uma aventura cômica, repleta de sequências de ação. O protagonista é um caçador de recompensas contratado por um milionário de Los Angeles para levar seu filho de volta aos Estados Unidos. O jovem que vive na floresta Amazônica está prestes a descobrir um tesouro, mas torna-se inimigo de um explorador de minas de ouro que também é chefe de uma guerrilha. A história se desenvolve por meio de uma série de conflitos clichês e o enredo faz alusão à lenda do *El dorado*, inclusive, a cidade fictícia do filme se chama Eldorado. As referências culturais são grotescas pelas discrepâncias apresentadas, pois brasileiros tem sotaque espanhol, as cenas de lutas misturam capoeira com artes marciais orientais (como se fossem a mesma) e as frutas da floresta são alucinógenas. As questões sobre exploração do trabalho humano, violência armada e garimpos clandestinos são tratadas apenas como pano de fundo para acentuar efeitos de ação ou comicidade. Um detalhe curioso é que o filme foi rodado no Havaí, pois a equipe técnica, durante a fase de

pré-produção, quando buscava locações em Manaus, teve parte do equipamento furtado e desistiu de realizar o trabalho no Brasil.

- *Um lobisomem na Amazônia* (2005). A produção brasileira, com direção de Ivan Cardoso, foi filmada em estúdio e locações no Rio de Janeiro. Mostra a história de jovens que resolvem conhecer uma comunidade na Amazônia e participar da cerimônia do Santo Daime, para tomar o chá de *Ayahuasca* (bebida sacramental produzida da combinação de duas plantas). No caminho os aventureiros acabam sendo atacados por um lobisomem, que é resultado de experiências genéticas feitas por um cientista louco, que mora no interior da floresta onde mantém um laboratório para experiências com cobaias humanas. O filme ainda mistura referências das guerreiras amazonas com a história de um deus Inca.

- *Tainá* é uma trilogia cinematográfica de ficção do gênero ação/aventura para o público infanto-juvenil, que mostra a saga de uma menina indígena da Amazônia, desde a sua infância até a adolescência, sua luta pela preservação da floresta e suas peripécias contra quadrilhas especializadas em biopirataria. A trilogia é composta por, *Tainá – Uma aventura na Amazônia* (2001), *Tainá – A aventura continua* (2004) e *Tainá – A origem* (2013). A primeira e a segunda parte foram filmadas na região de Manaus (AM) e Ubatuba (SP), numa área de Mata Atlântica que simulava a Amazônia, e a terceira parte em Santarém (PA) e regiões do Amapá. A trilogia é apontada como uma das franquias infantis brasileiras de maior público e arrecadação em bilheterias, atraindo quase dois milhões de expectadores só nos cinemas<sup>5</sup>, fora o alcance por meio da televisão e DVD, além de promoções educativas que possibilitaram que o filme entrasse no circuito cultural de escolas públicas e particulares, sendo exibido em centenas de instituições em todo o país como um projeto de educação ambiental adotado pelo Ministério da Educação<sup>6</sup>. *Tainá* é um nome que tem origem no idioma Tupi-Guarani e significa estrela da manhã, o nome também é associado à lenda Carajá de *Tainá-can*, uma grande estrela, venerada como um deus, que visita a Terra uma vez por ano. Além dessa lenda o filme traz outras referências míticas, como a protagonista numa alusão às guerreiras amazonas. Além de mostrar aspectos míticos e místicos (sobre a espiritualidade indígena e a simbiose com elementos da natureza), levanta a bandeira da preservação ambiental com destaque para o tráfico de animais. Porém, tudo é mostrado de forma superficial, apropriando-se de clichês (confronto

---

<sup>5</sup>A franquia *Tainá* levou aos cinemas 1 milhão 995 mil e 342 expectadores. Disponível em <[http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/Informes/2013/Informe\\_anual\\_preliminar\\_2013-Publicado\\_em\\_15-01-14-SAM.pdf](http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/Informes/2013/Informe_anual_preliminar_2013-Publicado_em_15-01-14-SAM.pdf)> Acesso em 20/05/2015.

<sup>6</sup>Descobrimos mais sobre o meio ambiente com o filme *Tainá*. Disponível em <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=55535>> Acesso em 19/05/2015.

entre branco x índio, perigos x belezas da floresta) e estereótipos (atores representando personagens caricatos) para desenvolver um enredo maniqueísta que privilegia o ritmo da ação e das improbabilidades do mundo da fantasia, com cenas de perseguição pela floresta em vertiginosas sequências aéreas ou pelos rios, crianças pilotando um avião ou um balão, além de animais capazes de raciocinar ou agir como humanos.

- *Amazônia – Planeta Verde* (2013). A produção francesa é o primeiro longa-metragem gravado com a nova tecnologia 3D no estado do Amazonas e mostra a trajetória de um macaco-prego, que resiste à queda de um avião e precisa encontrar outros animais da mesma espécie. Nessa história, que parece um documentário, não há seres humanos, nem diálogos, a narrativa contempla a grandiosidade da fauna e flora da Amazônia (a versão brasileira inclui a narração em *off*). Mesmo com uma linguagem mais ousada, comparado a outros filmes de aventura, dá ênfase ao exótico na construção dramatúrgica da jornada do macaquinho que se depara com inúmeros animais e situações perigosas para sobreviver.

Após essa breve exposição, constatamos que a região é caracterizada como um ambiente cercado de mistérios e palco de grandes aventuras. Fernandes (2010, p.21), chega a afirmar que “as imagens construídas pelo estrangeiro ou mesmo o brasileiro não egresso das populações periféricas da Amazônia estão permeadas por concepções alienígenas”, segundo o autor essa visão se preocupa mais com a exuberância da fauna e da flora e pormenoriza a presença do homem nativo e suas subjetividades.

Conforme Lipovetsky e Serroy (2009), o cinema é um meio de comunicação associado ao consumo de massa, em que a simplicidade narrativa, universaliza aquilo que é visto, no intuito de que qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, inserida em diferentes culturas, possa entender a história com facilidade.

Para Morin (1987), a identificação é a essência do cinema. Segundo o autor, o século XX foi marcado pela questão da manifestação de mundos imaginários, onde o cinema ocupa um lugar de excelência na manifestação dos desejos e mitos do homem. A evolução industrial, no modelo capitalista, criou novas necessidades para a sociedade e a cultura de massa, resultante das mídias, readaptou a sociedade, transformando a cultura em mercadoria, ou seja, moldada ao consumo. Essas relações são compreendidas quando recorremos ao que Debord (1997) considera uma “sociedade do espetáculo”, em que a banalização cultural ocupa até os locais menos industrializados.

É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. (DEBORD, 1997, p. 15)

A produção cultural de massa seria o resultado de uma espécie de sincretismo, transitando entre o real e o imaginário, como explica Wolf (2003), refletindo sobre Edgar Morin, que entende a cultura de massa como policultural.

A cultura de massa não é autônoma no sentido absoluto do termo, pode embeber-se de cultura nacional, religiosa ou humanística e, por sua vez, penetrar na cultura nacional, religiosa ou humanística. (MORIN apud WOLF, 2003, p.103)

Segundo Morin (1987), os conteúdos essenciais da cultura de massa são os das necessidades privadas, afetivas (amor, felicidade), imaginárias (aventuras, liberdade) ou materiais (bem estar). Conforme as transformações sociais intensificam tais necessidades, essa cultura se difunde e concretiza um novo sistema de valores, firmando-se como uma espécie de ideal de consumo para a autorrealização. E o cinema concede asas a esses desejos, numa catarse, criando a ilusão de que os indivíduos alcançaram seus objetivos.

Porém, é neste jogo sincrético entre o real e o idealizado, por meio de processos da identificação de arquétipos na estrutura imaginária, que a indústria cultural encontra o desafio de superar a contradição, “entre suas estruturas burocráticas-padronizadas-clichês e a originalidade (individualidade e novidade) do produto que ela deve fornecer”, segundo Morin (1987, p.28).

### **Considerações finais**

Um paraíso inóspito? Se a dinâmica financeira da indústria cinematográfica determina a abordagem estereotipada de muitos filmes sobre a Amazônia, em que a região é apresentada como um lugar isolado e primitivo, onde só tem floresta, bichos, rios e os habitantes são índios (mostrados quase como alienígenas), os elementos fantásticos e espetaculosos, possivelmente, sejam usados na intenção de conquistar a grande audiência. E ainda, no intuito de que esse público confirme suas expectativas sobre um ambiente fascinante e espetacular. Portanto, o exótico torna-se uma marca publicitária, uma forma de vender a “imagem audiovisual” da Amazônia e obter lucro com esse produto.

Entretanto, a diversidade do bioma Amazônico e a pluralidade de seus povos quando enfocados a partir da padronização de referências fabricadas historicamente e realimentadas com novas roupagens, restringem caminhos para discussões ou reflexões aprofundadas sobre a região, como os seus aspectos urbanos, ambientais, sociais, econômicos e políticos.

A ideia deste artigo não é julgar se as obras citadas no trabalho são relevantes ou descartáveis artisticamente, o importante é despertar a consciência de que suas abordagens estão relacionadas a um longo processo histórico que cristalizou o imaginário sobre a Amazônia, desprezando que essa região tem outras possibilidades a serem mostradas, pois as narrativas com o recorte superficial de aspectos folclóricos revestidos de pastiches, não contribuem para a compreensão da realidade. Os conceitos padronizados criam falsas impressões sobre a Amazônia e uma idealização romântica que reforça preconceitos.

Espera-se que esse trabalho possa contribuir para ampliar a discussão, a reflexão e estimule novas abordagens sobre a Amazônia, na linguagem audiovisual e seus desdobramentos na produção de sentidos. Pois, mesmo nas obras de ficção (não tendo elas esse compromisso) é possível ampliar os conceitos que estão arraigados ao imaginário e aproximar suas formas e conteúdos ao cotidiano real. Essa expectativa pode não ser tão atrativa do ponto de vista cinematográfico convencional ou comercial, mas é essencial para uma percepção crítica da real identidade cultural dos povos da Amazônia e desse ambiente.

### **Referências:**

- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação social e cultural**. Manaus: Valer, 2009.
- BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMEKKA, Marcel (orgs.). **Amazônia – Região Universal e Teatro do Mundo**. São Paulo: Globo, 2010.
- BUENO, Eduardo. **Náufragos, traficantes e degredados: as primeiras expedições ao Brasil**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- COSTA, Selda Vale da. **Eldorado das Ilusões - Cinema e sociedade. Manaus:1897-1935**. Manaus: EDUA, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O cinema na Amazônia**. *Revista Historia, Ciências, Saúde*, v.VI (Suplemento), Fiocruz, set. 2000.
- CUNHA, Edgar. **Cinema e Imaginação**. São Paulo: USP, 1999.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1987.
- DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque Amazônica (Descobrimo o Brasil)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia, Amazônia**. São Paulo: Contexto, 2010.
- GONDIN, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2007.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/mapa\\_site/mapa\\_site.php#populacao](http://www.ibge.gov.br/home/mapa_site/mapa_site.php#populacao)> Acesso em 16/05/2015.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Tela global**. São Paulo: Sulina, 2009.

MARTINELLO, Pedro. **A “Batalha da Borracha” na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o Vale Amazônico**. São Paulo: Ufac, 1988 (Cadernos Ufac n.1).

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

\_\_\_\_\_. **O cinema ou o homem imaginário**. Lisboa: Moraes, 1997.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema II – Gêneros Cinematográficos**. Lisboa: Covilhã, 2010.

PINTO, Renan Freitas. **Viagem das ideias**. Manaus: Valer, 2006.

PIZARRO, Ana. **Amazônia as vozes do rio: imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros – a pré-história do nosso país**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira, 2002.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.

#### **Filmografia:**

A FLORESTA das esmeraldas. Direção: John Boorman. DVD (110min). Reino Unido, 1985.

AGUIRRE, a cólera dos deuses. Direção: Werner Herzog. DVD (110min). Alemanha, 1972.

AMAZÔNIA - Planeta Verde. Direção: Thierry Ragobert. DVD (86min). França/Brasil, 2013.

ANACONDA. Direção: Luís Llosa. VHS (89min). Estados Unidos/Brasil/Peru, 1996.

BEM-VINDO à Selva. Direção: Peter Berg. DVD (104min). Estados Unidos, 2003.

FITZCARRALDO. Direção: Werner Herzog. DVD (158min). Alemanha/Peru, 1982.

LAMBADA, a dança proibida. Direção: Greydon Clark. VHS (97min). Estados Unidos, 1988.

O MONSTRO da lagoa negra. Direção: Jack Arnold. VHS (79min). Estados Unidos, 1954.

O MUNDO perdido. Direção: Irwin Allen. DVD (97min). Estados Unidos, 1960.

TAINÁ, uma aventura na Amazônia. Direção: Tânia Lamarca. DVD (90min). Brasil, 2001.

TAINÁ, a aventura continua. Direção: Mauro Lima. DVD (79min). Brasil, 2004.

TAINÁ, a origem. Direção: Rosane Svartman. DVD (80min) Brasil, 2013.

UM LOBISOMEM na Amazônia. Direção: Ivan Cardoso. DVD (75min). Brasil, 2005.